

CROÁCIA

ZAGREB



São muitas as coisas que podem nos levar a gostar de uma cidade e, no que se refere à capital da Croácia, três aspectos devem ter interferido bastante na minha experiência que foi tão positiva.

Primeiramente, nosso guia Damir a quem já fiz referência no "capítulo" anterior deste diário de viagem. Além de ser uma pessoa simpática, disponível, amar o seu país como gostava de destacar toda hora, ter boa capacidade para explicar as coisas de modo muito didático, ele gosta de mesclar informações com impressões, fatos históricos com acontecimentos corriqueiros, o que ajuda o estrangeiro a se aproximar do ambiente que quer conhecer.

Um segundo aspecto está associado à própria cidade, ou pelo menos à sua área central, que é de fato, o que pudemos conhecer. Trata-se de um espaço bem adaptado à escala do pedestre, em que as pessoas ganham dos carros. Há parques e praças, por todo lado, e os bares e restaurantes, pelo menos durante o verão, estendem-se tomando um pedaço das vias.

Um terceiro, sem dúvida, é o maravilhoso sol, sem calor exagerado, que tivemos nos dias em que estivemos em Zagreb, ou seja, se a tivesse conhecido no inverno, quando as temperaturas são baixas e a neve pode ser intensa, é provável que a imagem que eu teria elaborado seria muito diferente.

Zagreb tem cerca de 800 mil habitantes, mas recebe outros 200 mil diariamente

que vêm das áreas próximas para trabalhar aqui. A cidade exerce um papel polarizador bem importante, porque concentra empregos, serviços, vida política e cultural do país.

As origens desta cidade estão associadas a aglomerados medievais, a partir de colinas em que se assentaram dois grupos que rivalizaram entre si por muito tempo: Kaptol que foi centro de poder religioso e sede episcopal desde 1094; Građec, cuja origem no tempo é mais ou menos a mesma, foi ocupada por comerciantes e se tornou cidade livre em 1242, o que só ajudou a alimentar a rivalidade entre estas duas cidades.

Estes dois núcleos foram fortificados e separados por um pequeno curso d'água – Medveščak – hoje canalizado e sobre o qual está a rua da Ponte de Sangue, nome dado justamente por causa das lutas entre os dois burgos.

A ocupação da área mais baixa, onde, atualmente, está o centro comercial principal da cidade, ocorreu a partir de 1830, mas como houve um grande terremoto em 1880, a maior parte do patrimônio arquitetônico é, para a Europa, bastante recente.

No mapa turístico atual, assinalei em azul, a área ocupada pela colina do Kaptol, onde está a Catedral de Zagreb. Em vermelho, está a colina de Građec, onde se assenta o coração institucional da cidade, pois ali estão os prédios do executivo, legislativo e judiciário. Estas duas partes do centro compõem o que eles chamam de cidade alta – Gornji Grad.

Marquei com um quadrilátero verde a extensão ocupada a partir do século XIX e que hoje corresponde ao centro comercial e cultural da cidade, onde se desenvolve sua vida econômica e social, que eles caracterizam como cidade baixa – Donji Grad. A elipse laranja corresponde à praça principal, onde correm as manifestações mais importantes de hoje. Ela se chama Trg Bana Jelaoca. Estranho não é? A palavra praça – trg – é composta por três consoantes, sem qualquer vogal e eu nem me atrevi a aprender pronunciar isto, enquanto Eliseu ficou pedindo a Damir que o ajudasse a aperfeiçoar sua leitura do croata...

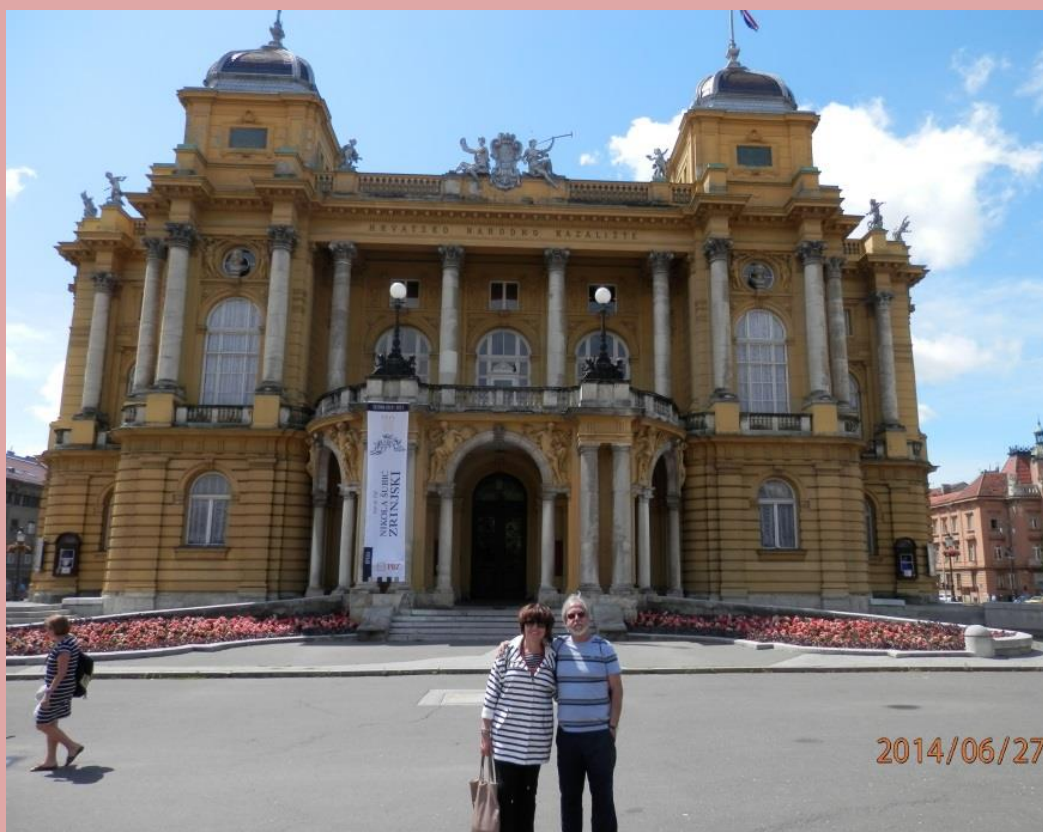
A Trg Bana Jelaoca está, nestes dias, preparada para o verão. Montaram um grande palco com um telão gigantesco, para shows de rock e para a projeção dos jogos da Copa do Mundo. Há várias tendas ocupadas por pequenas lanchonetes. É considerado o espaço público mais importante para os jovens daqui.

No meio da praça, há uma escultura de Ivan Meštrovic, que nasceu em 1883, no sul da Croácia e morreu, em 1962, nos Estados Unidos. Esta escultura foi desmontada e ficou guardada durante o período socialista para que não houvesse estímulo ao reconhecimento de heróis nacionais associados a outros períodos da história, principalmente porque eles poderiam estimular movimentos separatistas numa Iugoslávia que sempre foi mais um Estado que uma nação. Assim que a Croácia ficou independente, com a dissolução deste Estado, a estátua foi novamente montada em praça pública.



A impressão que se tem é que Ivan Meštrović é o mais importante artista da Croácia, pois em todos os espaços públicos há obras dele ou referência ao seu legado. Ele foi fortemente influenciado por Rodin, com quem conviveu no período em que esteve estudando artes em Viena. A escultura abaixo está na praça em frente ao Teatro Municipal de Zagreb que é o magnífico edifício amarelo que aparece em seguida. Depois, insiro a escultura, da mesma autoria, que está em frente ao Arquivo Público da cidade.





Voltando ao tema da Copa do Mundo, deu para ver como eles curtem futebol. Em todos os espaços hã referências a este certame e mesmo agora que a Croácia não está

mais na competição, continuam a acompanhar os jogos. Por aqui ou por ali, há bandeiras do Brasil ou o verde e amarelo enfeitando as vitrines. A Alpargatas aproveitou bem a onda e há sandálias havaianas em todos os pontos de ônibus da cidade.

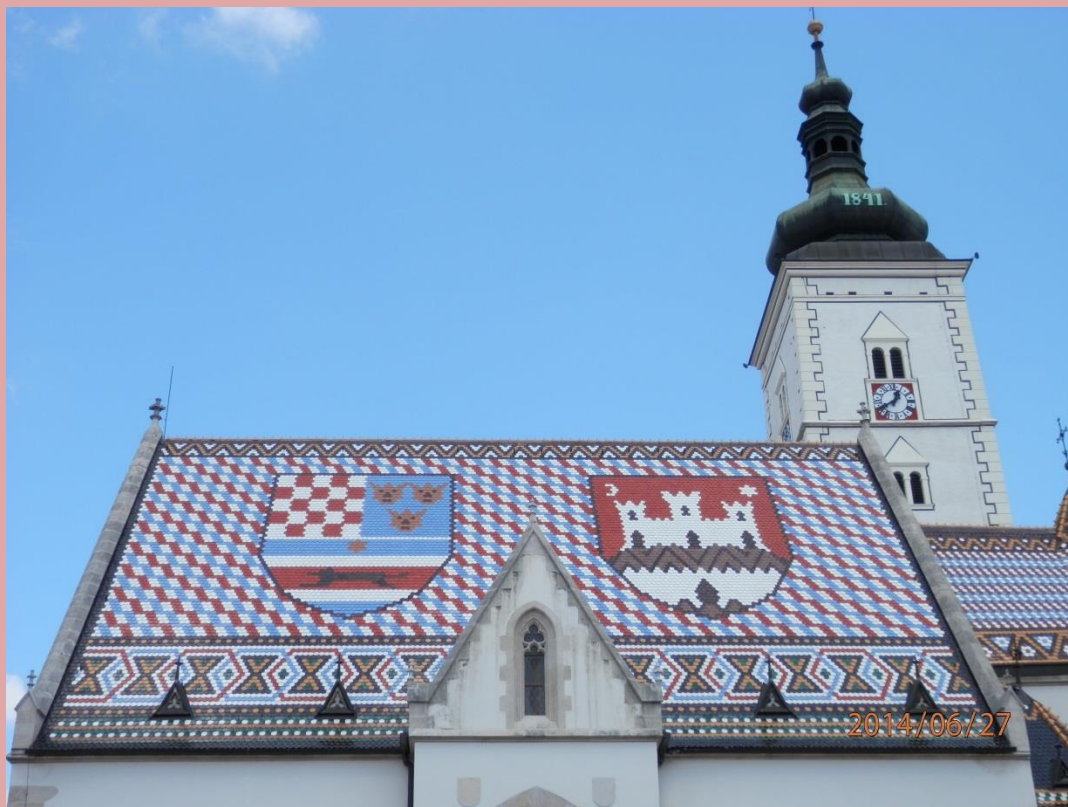
Damir disse que todos na Croácia gostam de dois esportes – jogar futebol e tomar cerveja. Parece que eu já tinha ouvido falar isso em algum lugar...



Retomando a descrição de Zagreb, em relação à colina de Gradec, quero destacar alguns pontos. Ela é demarcada pela Torre de Lotriščak, que compunha a muralha que cercou o burgo no passado. Para proteger a cidade, assustar inimigos e mesmo para demarcar o tempo, diariamente, ao meio dia era disparado o canhão a partir desta torre. Para manter a tradição, todos os dias, neste mesmo horário, agora é acionado um sistema de som que imita o estouro de um canhão. O estrondo é incrivelmente alto.

Um pouco depois da torre está a Igreja de São Marcos, que compõe o quadrilátero

que corresponde à principal praça de Gradec, juntamente com o prédio do executivo, onde está instalada a presidência da República, e o do legislativo, chamado de Edifício do Parlamento. O bonito na igreja é o telhado colorido, em que estão os escudos da cidade e do país. Segundo Damir, o atual governo não goza de muita popularidade. A economia não vai tão bem, o desemprego aumentou e os croatas acham que os políticos ganham muito e fazem pouco – você leitor já sentiu esta sensação alguma vez?



Gradec tem muito pouca vida cotidiana hoje, pois não é nem área residencial, nem comercial. No entanto, aí estão vários museus importantes: o Atelier Meštrovic, o Museu de Arte Naif, o de História da Croácia, o dedicado ao grande físico Nicolai Tesla, mas o que mais gostei neste setor da cidade foi o Museu das Relações Rompidas, que ganhou recentemente o prêmio de o mais inovador da União Europeia e que se constitui num conjunto de lembranças doadas por casais do mundo todo que se amaram e romperam suas relações – cartas, presentes, fotos, objetos etc. Segundo Damir, um dos mais interessantes foi doado por uma argentina – um machado (com o qual destruiu todos os móveis do apartamento do casal, quando soube que seu marido tinha outra mulher) e uma cartinha (que deixou para ele, ao lado da ferramenta que usou com tanta fúria), em que registrou sua explicação: “deixo-te os móveis tão quebrados, como você deixou meu coração”.

Ao lado da foto da entrada do museu tão insólito, está a foto dos lampiões que iluminam esta parte da cidade, ainda à moda antiga, ou seja, diariamente vem um funcionário público acendê-los à noite e outro os apaga pela manhã.

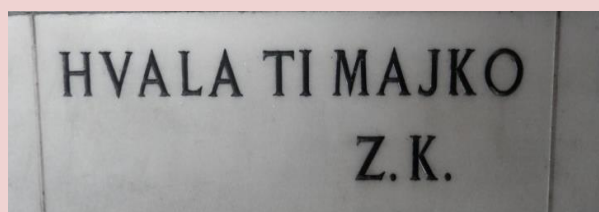


Por falar em coração, no Gradec, há jovens vestidas com roupas tradicionais da Croácia, vendendo corações vermelhos que são típicos daqui, nos quais há um pequeno quadrado espelho na parte inferior. Quando um homem oferecia um coração deste a uma mulher significava que olhando no espelho veria sempre o amor dele. Não é difícil imaginar que Damir falou de tal forma que Eliseu não teve outra opção que a de me oferecer o coração talismã, que coloquei no começo do texto.



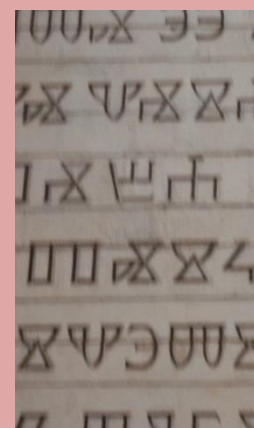
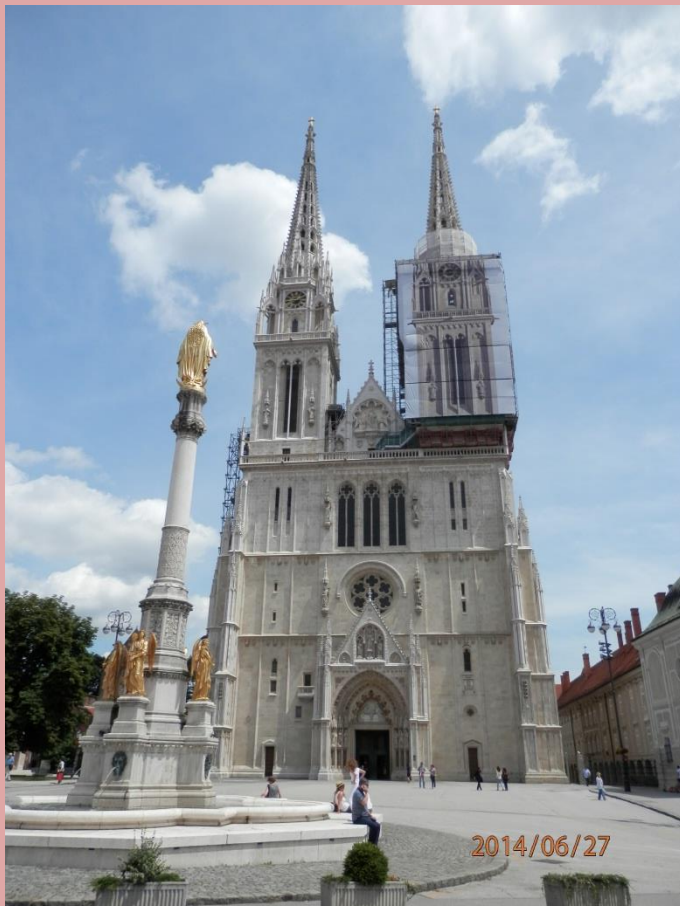


Na Porta de Pedra, única que restou da muralha que cercava Gradec, há um oratório a uma santa milagrosa, que não foi atingida no grande incêndio que se seguiu ao terremoto do século XIX. Todos deixam ali suas inscrições e agradecimentos de toda ordem, como as das placas que se seguem.



A maior parte da população croata é seguidora do catolicismo e, apesar das práticas religiosas terem sido reprimidas durante o período socialista, vê-se claramente que tais valores retornaram com toda força. Eliseu e Damir observam o painel com inúmeras plaquinhas de agradecimento e eu selecionei duas – uma em croata e outra em português – para ilustrar o que é o painel em torno do altar da santa. Na primeira placa, está escrito “Agradeço-te mãe”. Em relação à segunda, fiquei me perguntando se Clarice é portuguesa, brasileira, angolana.... e por que e por quem agradece.

Na colina do Kaptol, o grande destaque é para a Catedral de Assunção da Santíssima Virgem Maria, que foi edificada após o terremoto de 1880 que destruiu a igreja que ocupava este sítio anteriormente. Dentro dela, duas coisas me chamaram atenção: o alto relevo feito pelo escultor Ivan Meštrovic, nos Estados Unidos, antes de sua morte, transportado para Zagreb e colocado numa das paredes internas da catedral, após o final do socialismo; uma parede toda com inscrições no primeiro alfabeto usado pelos croatas, que foi depois a base do alfabeto cirílico, que é adotado na Rússia e outros países asiáticos.



Descendo do Kaptol, em direção à cidade baixa, passamos pelo mercado que, além da parte fechada onde se vende carnes e peixes, tem uma porção de barracas que, numa manhã de sábado, estão cheias de compradores – as frutas e as flores estavam realmente lindas. Segundo o guia, esta feira ao ar livre é um dos únicos espaços em que se pode ser assaltado, porque há muitos ciganos por ali. Mal dobramos a esquina, encontramos uma delas...



Na Dibi Grad – cidade baixa – o ânimo é total. Não se tem a impressão que há duas décadas a cidade era socialista, tal a força como as grandes marcas ocuparam o a área comercial – Benetton, Zara, Max Mara, HM etc. Turistas, que se denunciam pelas roupas esportivas, e croatas, trajados com certa elegância, param diante de todas as vitrines. O “certa elegância” fica por conta do fato de que estes povos de países frios têm pouco jeito para vestir roupas de verão, como nós do mundo tropical nem sempre nos ajeitamos bem com as de inverno pesado.

Parece que, com o verão, estão todas andando pelas ruas. Ao final do dia, os cafés e restaurantes ficam cheios de gente. Numa das ruas de pedestres do centro – rua Teslina – os principais estabelecimentos montam quiosques no meio da via, com mesas, poltronas e pequenos sofás. Como explicou Damir, todos sentam para tomar um café, verem e serem vistos, além de, é claro, neste período do ano, acompanhar a Copa do Mundo pelas TVs, que estão por todo lado.

O interessante foi observar que há efetiva especialização funcional e social do espaço urbano, como pode ser ver no detalhe do mapa. Na rua Teslina, estão os restaurantes, ocupando toda uma quadra. Na paralela ao norte, rua Bogoviceva, estão os bares, cafés e bistrôs (como eles mesmos definem bares que servem refeições rápidas). Na subsequente, que é a principal rua comercial, estão as barracas montadas que servem lanches rápidos e são ocupadas pelos mais jovens e mais pobres.



voltassem vivos. Luis XIII encantou-se com aquele nó e pediu que fizessem para ele de seda. Anos mais tardes os ingleses adotaram esta peça na indumentária e isso se tornou um hábito generalizado no mundo ocidental, mas os croatas continuam reclamando esta autoria e há várias lojas especializadas no assunto, como a foto mostra.



Ao lado, estou eu me despedindo do Hotel Westin, onde estivemos hospedados em Zagreb. Ficamos impressionados com o número de japoneses que lá estavam, sempre em grandes grupos e fazendo mil fotografias.

Carminha Beltrão
Junho de 2014